

Pathos

Paulo Ascensão

(vencedor da [Categoria B](#); pseudónimo utilizado: Paulo Ascensão)

Citação: Paulo Ascensão, "Pathos", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

É necessário possuir os modos de um actor e a esquizofrenia de um louco para conseguir convidar as personagens a soltarem as suas vidas no papel.

As horas eram colhidas pelo mar, não fazia sentido enumerar os minutos ou os segundos naquela pequena ilha. Não seria ousado acreditar que, naquele pedaço de terra, o tempo assumia a forma do estar. Essa relatividade inconstante materializava-se na brisa fresca, que tanto se afogava na sua impotência como surpreendia as folhas de papel.

A ilha não tinha mais que cinquenta metros de um lado ao outro. Só areia. No centro da pequena ilha, um homem sentado numa cadeira, apoiado a uma mesa também de madeira velha. Ele escrevia...

Ele escrevia debruçado sobre a mesa; ser esquerdino e alguns vícios de posição adquiridos nas antigas carteiras da escola obrigavam as suas costas a descrever um arco: uma ponte entre o corpo que idealizava a matéria-prima das letras e a mesa, onde se executava analiticamente o juntar das letras em palavras. A sua mão deslizava pelo papel com rapidez, não apenas para seguir o raciocínio lesto, mas também para sentir a superfície do papel.

Ele era Gaio, um aventureiro nas palavras da sua mãe. Mas Gaio, antes de aventureiro, era um investigador, se é que é possível dissociar estes dois elementos. Vasculhando a memória, deparou-se com os antigos debates "para-filosóficos" que se prolongavam pelas noites mais longas com o seu companheiro dessas viagens, Bracco.

Gaio deveria ter uma idade compreendida entre os quarenta e quarenta e cinco anos. As longas viagens fazem-nos perder a contagem dos sucessivos sóis e os calendários passam a ter lugar privilegiado no fundo da gaveta. O importante é o rosto. Aguentá-lo em frente ao espelho com a lucidez de o reconhecer é a vitória primordial. Assistir ao abandono da jovialidade, a juventude como uma sombra, passando para a assistência do outro lado do espelho...

Gaio ostentava uma barba grande e descuidada. Olhos negros, vivos...

A ilha não tinha mais que cinquenta metros de um lado ao outro. Só areia. No centro da pequena ilha, um homem sentado numa cadeira, apoiado a uma mesa também de madeira velha. Ele escrevia...

Minha adorada e querida Bianca, minha filha...

Os anos passam numa sagração tempestuosa de não te ver crescer. Guardo a flor que me ofereceste no dia da minha partida e conservo ainda a ternura do teu olhar na despedida. Por mais investigações que faça, viagens que execute, tenho a certeza de que jamais conseguirei decifrar esse teu olhar tão expedito, que me desconcerta.

Bianca, filha, prometera que te escreveria na primeira oportunidade. Esta carta cumpre a promessa feita há dez anos. Nem tudo foi fácil. Os novos oceanos foram muitas vezes um espinho que maltratou o nosso barco. Em certas alturas, os homens que me acompanham nesta viagem perderam a vontade e cortaram o laço que os abraça à realidade. No entanto, a união saboreou sempre a vitória. O mar é uma companhia perigosa: Se está revoltoso o perigo é iminente; se está sereno as longas horas em sua companhia tornam-no num monstro implacável, a sua calma lãnguida é uma hipnótica consternação.

Após longas provações no alto-mar e sucessivas tempestades interiores, daquelas que irrompem nas noites de dúvida e incerteza, o objectivo primordial foi alcançado.

Num fim de tarde, igual a muitos outros ao longo de dez anos, avistamos terra. A euforia dos homens foi avassaladora. Eu não pude conter uma lágrima e pensar que melhor prenda para ti, Bianca, que não esta. Que a prematura separação dos teus braços não foi em vão.

A ansiedade dos homens aumentou quando estávamos prestes a atracar. A incerteza revolvía-nos o estômago. Temíamos que, depois de estarmos a salvo da boca do mar, fossemos engolidos por uma civilização despida de sensatez. Mas, minha querida filha, bem pelo contrário. Espero que acredites nas palavras que se seguirão, que acredites na descrição que farei deste mundo irreal para quem não o veja com os seus próprios olhos. Não me importa o descrédito que certamente os pensadores do nosso país agitarão como uma bandeira. Eu próprio teria sérias dúvidas se me contassem aquilo que te irei descrever. Só preciso de uma coisa. Que tu, filha, acredites nesta humilde descrição onde todas as

palavras são desprovidas da textura dos objectos e fórmulas de pensamento, que aqui me enchem os olhos. Só necessito que tu acredites nas palavras do teu velho pai e que, deste modo, a nossa separação tenha realmente sido uma aventura histórica tanto para mim como para ti.

Ao chegarmos a terra fomos recebidos por homens que partilhavam da mesma carne e do mesmo sangue que a raça humana. Receberam-nos com sorrisos. Para nosso espanto falavam a língua universal.

Após uma breve conversa de cortesia de ambas as partes, pedi a um deles que me encaminhasse até ao seu líder ou representante daquela terra. Surpreendentemente, Bianca, ele disse-me que não tinham. Não tinham. Disse-me que se autogovernavam. Eu olhei os meus homens, também eles estavam perplexos, e deduzi que certamente aquela civilização não estaria tão avançada como pretendíamos ou imaginávamos nos sonhos que nos acompanharam em toda a viagem. Pois é, Bianca, uma dedução errada. E que errada era... Foi então que prometi a mim mesmo que deixaria de deduzir ou especular sobre aquela estranha terra. Decidi ser um mero recolector de factos, para só posteriormente exercer o meu método analítico. Entre o grupo de homens que nos recebeu estava Ulpiano. Ulpiano foi o homem que mais perto esteve de mim, arriscaria dizer até que, desde o primeiro momento em que nos conhecemos, a empatia foi imediata. Foi ele que me acompanhou durante todas as visitas, com as suas preciosas explicações técnicas e ideológicas sobre esta terra.

Eu e mais três dos meus homens fomos conduzidos até ao centro da cidade. O transporte em que nos levaram tinha tanto de estranho como de fascinante. Chamavam-lhe semovente. O semovente era parecido com um carro, contudo, ele tanto andava por terra, como voava e, ainda, se necessário, penetrava nas profundezas do oceano. Além disso, não era necessário guiá-lo. Aceitava as ordens só com a voz e era o próprio veículo que escolhia o seu percurso, se por terra, pelo ar ou se por água. Bastava apenas dar-lhe a ordem do destino pretendido, que ele executava o resto. Dentro do semovente, a comodidade parecia ser algo de outro mundo. E, de facto, era-o. Podíamos optar por ver a paisagem, visto que o semovente era composto por várias janelas, como também podíamos conversar tendo disponíveis mesas e, ainda, para minha surpresa e dos meus homens, existia a possibilidade de se armar uma cama para descansar durante a viagem. Poucas e ignóbeis palavras para um veículo daqueles.

Chegados à cidade, o espanto foi total. As casas dos habitantes daquela terra eram enormes prédios e, no entanto, estavam suspensos no ar. Assim, sem mais nem menos, minha querida Bianca. Mais tarde vim a saber que eram suportados por cabos feitos de uma matéria invisível que se prolongavam pelo céu. E, explicando-te de uma forma simplista para que tu entendas, Bianca, esses cabos saíam para além da força da gravidade. E eram sustentados pela força da gravidade e pela não gravidade. Pois no ponto de encontro dessas duas forças surge uma enorme pressão, permitindo dar uma estabilidade eterna àqueles prédios.

O solo estava coberto de autênticas florestas e os animais passeavam despreocupadamente, donos da sua liberdade. Perguntei a Ulpiano se o solo ainda estava por desbravar. Ele respondeu-me que não, que era assim. Que a natureza precisava do seu espaço. Eles viviam lá em cima e a natureza cá em baixo. Senti-me diminuído, tantos os livros científicos que li e que escrevi durante todos os anos da minha vida e, no entanto, aquele conceito era-me difícil de apreender.

Nessa noite, fomos recebidos como reis. Prepararam-nos um banquete onde a variedade de receitas se estendia às especiarias inimagináveis. Agora, já com todos os meus homens comigo, percebi que aquele não era um banquete extravagante aos costumes dos habitantes daquela terra. Não, filha. Eles faziam-no todos os dias. Aquele banquete era uma mera refeição para todos eles, igual a qualquer outra. Ao longo da refeição tive a oportunidade de tomar conhecimento de muitas mais particularidades daquela civilização...

- Ulpiano, qual é a vossa história?

- Como assim, Gaio?

- O que eu quero dizer é: qual é o percurso da vossa civilização, os vossos antepassados?

Ulpiano hesitou por um momento... Mas isso não o impediu de saborear uma iguaria chamada "pernas de sal doce" feita de sal, cana-de-açúcar e uma massa cujo nome é impronunciável.

- Bom, posso contar um pouco da nossa história... Posso-te contar a mais importante para nós. Quando o grupo ainda não era civilizado, este tinha um projecto de construir uma torre até ao céu para poder viver nas nuvens. Nota bem, Gaio, o grupo não era civilizado, por isso não estranhes a ideia...

Mas, voltando à história, após muito tempo de elaboração minuciosa do projecto da construção da torre, o grupo começou finalmente a erguê-la. Tudo estava a correr bem... Mas, quando estavam a chegar a

meio da sua construção, começaram a acontecer coisas bastantes estranhas. A cada dia de trabalho que passava, parecia que a linguagem se estava a modificar no seio do grupo. Isto é, quanto mais a torre crescia, mais a língua parecia desmoronar-se de sentido...

- Como assim? Começaram a falar línguas diferentes?

- Não. A língua era a mesma. O problema era o sentido das palavras. Esse é que estava a mudar por causa da forma de pensar. Se não falassem a mesma língua e a forma de pensar fosse partilhada por todos, tudo correria bem. O problema era que a língua era a mesma, mas o sentido que empregavam nas palavras tinha-se modificado, devido a formas de pensar diferentes.

Essa modificação no modo de ver a vida foi tão profunda para uma parte do grupo que esta criava discussões por pequenas coisas, chegando a mudar o seu acampamento para longe dos outros. Por isso, o grupo dividiu-se em dois: os Ratio, que é o grupo do qual nós descendemos, e os Naturalis.

Os Ratio prezavam a palavra, era a fonte da união, procurando ouvir sempre todas as posições acerca de qualquer assunto. E ainda assim o é hoje, visto que adoptamos essa ideologia. Os Naturalis viviam em constante euforia e permanentemente em conflito. Foram os Naturalis que se afastaram do resto do grupo, assentando acampamento perto de uma árvore, que passaram a adorar. Era a maior árvore que alguma vez existiu nesta terra, tinha um par de quilómetros de largura e os Naturalis realizavam sacrifícios em nome dela, acreditando que aquela árvore tinha poderes místicos.

- E o que pensavam os Ratio sobre isso?

- Sobre o quê?

- Sobre a adoração da árvore por parte dos Naturalis?

- Ah, isso.. Bom, os Ratio não compreendiam aquela súbita adoração, tentando por várias vezes dialogar com os Naturalis. Mas eles não davam qualquer hipótese de conversação e ameaçavam quem se chegasse perto da árvore.

Mas continuando... Um dia, a chuva apoderou-se da terra durante uma semana, como nunca se vira antes, os Ratio concordaram não trabalhar na construção da torre dado o risco que a terra molhada representava. Os Naturalis nem quiseram discutir o assunto e, por isso, subiram à torre para continuar a construí-la. Não havia maneira de dissuadi-los... Nesse dia, a chuva aumentou ainda mais... Subitamente, no final da tarde, um ruído assustador fez com que os Ratio corressem para a torre. Mas quando chegaram... já nada podiam fazer... A torre desabara e todos os Naturalis perderam a vida naquele golpe da terra. Os Ratio não tiveram tempo para chorar os seus irmãos, pois a intensidade da chuva não diminuiu, bem pelo contrário, aumentou, anunciando o dilúvio. A terra entupiu e as águas começaram a subir...

Não havia tempo a perder, os Ratio precisavam de encontrar uma solução, se quisessem sobreviver. E, por mais que custasse, a única solução era cortar a árvore que os Naturalis adoravam, fazendo dela o único barco suficientemente grande para todos. Durante horas os Ratio cortaram a árvore e, depois de a transformarem em barco, puseram a salvo todos os seres vivos que conseguiram.

Ulpiano, depois de me contar a história dos seus antepassados, concluiu com a promessa da parte dos Ratio de nunca mais voltarem a construir a torre e de, em memória dos Naturalis, não mais voltarem a cortar uma árvore. Por isso, tinham os seus prédios suspensos no ar. Encerrando o assunto com uma frase: Ad perpetuum rei memoriam (para uma lembrança perpétua do facto).

Ao longo do jantar, compreendi que eles não têm qualquer forma de economia. Parece impossível, não é Bianca? No entanto, existe uma explicação não menos impressionante para este facto. Eles detêm uma preciosidade e não fazem ideia do que representa tal descoberta. Eles controlam o clima, manejam-no como se de um brinquedo se tratasse. Fabricam as nuvens quando desejam a chuva, dissolvem-nas quando pretendem o sol e armazenam toda a energia solar dentro de um gigante Conservador Solar que fornece electricidade a toda a cidade. Imagina, Bianca, é o mesmo que ter uma estufa planetária. Para quê ter uma economia se os recursos são inesgotáveis? Desta forma, eles não compreendem o significado da moeda, nem mesmo a palavra gratuito, visto não existir a contraposição de custo, preço ... Este binómio para eles não faz qualquer sentido.

No final do jantar, convidaram-me para assistir ao espectáculo. Agradou-me que aquela comunidade tivesse também aspirações culturais como nós. Quis saber quais eram os artistas mais conceituados. Ulpiano respondeu-me que eram todos. Só mais tarde percebi...

Quando entrámos na sala de espectáculos, um pouco semelhante aos nossos teatros, trataram de me sentar e de me ligar uns fios à cabeça e aos dedos, explicaram-me que se tratava de um fio condutor dos sentidos. Tudo o que se passaria na tela eu sentiria em primeira pessoa. Um deles sentou-se numa cadeira junto à tela e também colocou vários fios por todo o corpo. E fechou os olhos. Pouco tempo

depois, a imagem na tela tornou-se realidade. Querida Bianca, não era uma actuação que se desenrolava em frente aos meus olhos, mas sonhos. Transportavam os sonhos para a tela, sonhos estes tão nítidos de perfeccionismo que jamais os esquecerei. Naquele instante, a euforia percorreu o meu corpo e não pude conter uma gargalhada. Então percebi o porquê de não haver artistas conceituados: todos eles compunham na tela um pouco do seu imaginário. Todos eles sonhavam em voz alta e todos os outros o sentiam em primeira pessoa.

Falo-te agora no presente. Restam-me alguns dias nesta cidade. Quero aproveitar todos os minutos para recolher mais informações desta enigmática cidade. Bianca, sabes que teu pai só ruma para a frente, no uso habilidoso da palavra desconhecido, não me condenes por isso, felicita-te antes pelas nossas descobertas, tu e eu.

Quando se despediram para se recolherem aos seus aposentos, decidi ficar mais um pouco na varanda de um dos prédios suspensos no ar. Estou sozinho, no silêncio, admirando a lua. A lua cheia, viva, assemelha-se a um espelho, mostrando o teu rosto, filha. Entre as divagações das tuas formas e a realidade de uma cidade construída sobre pilares idealísticos totalmente estranhos aos nossos, baptizei secretamente, no meu diário, o nome desta cidade: Pathos.

Que a nossa razão no interminável deserto, que é a evolução,
encontre as pegadas na areia desta cidade e as siga...

Do teu velho pai,

Gaio

A ilha não tinha mais que cinquenta metros de um lado ao outro. Só areia. No centro da pequena ilha, um homem sentado...

Gaio, com movimentos seguros, enrolou a carta. Passou as mãos pelo papel e quase foi capaz de sentir o odor das mãos de Bianca a descobrir cada palavra descrita. Num impulso de agilidade pôs a carta dentro de uma garrafa e fechou-a com força.

Vagarosamente, caminhou para o mar e os seus pés tocaram na água fria, provocando-lhe um arrepio. As mãos tremeram quando alcançou com o olhar o horizonte conquistado pelo mar. A respiração tornou-se ofegante e num ímpeto de raiva atirou a garrafa com a sua mensagem... o mar que fizesse o resto e a levasse até ela.

A ilha não tinha mais que cinquenta metros de um lado ao outro. Só...

Ficou imobilizado até perder de vista a garrafa, baloiçando no ventre das ondulações. O rosto tornou-se mais velho. Depois, voltou a sentar-se na sua cadeira, o corpo exausto.

Olhou para a sua direita; um barco destruído, encalhado nos sonhos, cadáver. Tal como os seus homens.

As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e Gaio escreveu assim as últimas palavras deste conto:

Se tivesse três mãos cortava duas delas,

pois uma só mão já é demasiado controversa...